



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana é marcada por bateria de indicadores e início das divulgações dos balanços dos bancos brasileiros

A agenda de indicadores é movimentada na semana, com destaque para a prévia da inflação (IPCA-15) de julho, importante para definir a magnitude do corte da Selic na reunião da próxima semana do Copom (2 de agosto). O índice será conhecido na terça (27) e deve mostrar ligeira deflação (-0,02%), ainda capturando os impactos do programa de descontos de veículos, além da acomodação dos preços dos alimentos e desconto nas contas de energia elétrica no mês (superávit de Itaipu). Com o resultado, o índice deve desacelerar em 12 meses para 3,26% (ante 3,40%). O foco dos agentes, no entanto, será a composição do indicador, especialmente a inflação de serviços, que segue pressionada e pode levar a um corte modesto (de apenas 0,25 pp) da taxa Selic neste início de ciclo de afrouxamento monetário. Ainda em relação à inflação, a FGV divulga na sexta (28) o IGP-M de julho, que deve seguir em deflação (de -0,73%), em função da dinâmica benigna dos preços no atacado. Em 12 meses, o índice deve recuar de -6,86% para -7,70%.

Números do mercado de crédito de junho serão conhecidos na quinta (27) e devem apontar alta de 0,6% do saldo total no mês, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. O crescimento deve ser liderado pelo carteira PJ com recursos livres (+1,2%), que deve mostrar alguma recuperação após recuar nos últimos dois meses. Além da sazonalidade positiva das linhas de fluxo de caixa, a leitura também deve mostrar sinais de normalização do segmento, bastante afetado pelos casos Americanas/Light no início do ano. Apesar do avanço no mês, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir acomodando, de 10,4% para 9,3%, em linha com o processo de desaceleração econômica. Mais detalhes nas [páginas 6 e 7](#).

No âmbito da atividade, os números do mercado de trabalho (PNAD e Caged) devem seguir mostrando melhora, mas com alguma moderação. A expectativa é que o Caged mostre geração de 165,0 mil vagas formais em junho, abaixo do número observado em jun/22 (+285,2 mil), enquanto a taxa de desemprego (PNAD) deve recuar para 8,1% em junho (ante 8,3% em maio). Já a FGV divulga ao longo da semana as sondagens de confiança de julho.

No campo fiscal, as contas públicas devem mostrar novo déficit, pressionadas pela antecipação do pagamento do 13º salário para os pensionistas do INSS. O consenso prevê déficit de R\$ 44,4 bi para o governo central e de R\$ 46,4 bi para o setor público consolidado. Os números serão divulgados pelo Tesouro Nacional, na quinta (27), e pelo BCB, na sexta (28).

Na agenda corporativa, o Santander dá início, na quarta (26), às divulgações dos resultados do setor bancário referente ao 2T23. Os analistas projetam um lucro de R\$ 2,46 bi para a IF no trimestre, o que representa uma alta de 14,8% na margem, mas ainda em queda na comparação anual (-39,8%), pressionado nesta métrica pelo aumento dos gastos com PDD, diante do contínuo aumento da inadimplência. Já a carteira de crédito deve seguir em expansão, mas com algum arrefecimento. O quadro ao lado traz as datas de divulgação e as respectivas projeções do mercado para os bancos de capital aberto.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T23

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Santander	26/jul	2.457,5	14,8%	-39,8%
Bradesco	03/ago	4.484,5	4,8%	-36,3%
Pan	03/ago	212,8	23,5%	25,9%
Itaú	07/ago	8.688,1	3,0%	13,1%
Banco do Brasil	09/ago	8.667,2	1,4%	11,1%
BTG Pactual	09/ago	2.341,8	9,8%	13,3%
Pine	09/ago	-	-	-
BMG	10/ago	-	-	-
ABC	11/ago	197,2	3,8%	-2,2%
Inter	14/ago	28,3	16,8%	82,1%
Banrisul	14/ago	250,3	17,5%	9,9%
Nubank	15/ago	800,0	8,7%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

A agenda internacional também está movimentada na semana, com destaque para as reuniões de política monetária do Fed, na quarta (26), e do BCE, na quinta (27). Nos EUA, é praticamente consenso entre os agentes que haverá uma nova alta de 0,25 pp dos juros, levando os *Fed Funds* para o intervalo entre 5,25% a 5,50% aa. A grande expectativa aqui é se, de fato, o Fed irá sinalizar que tal processo chegou ao fim (como esperado atualmente) ou se ainda deixará em aberto a possibilidade de uma nova alta, a depender da evolução do cenário. Na Europa também é aguardada uma alta de 0,25 pp, a oitava consecutiva e a terceira dessa magnitude, elevando a taxa de juro de referência da região para 4,25% aa. Neste caso, as expectativas quanto aos próximos passos do BCE são mais dispersas. De toda forma, a tendência é que a autoridade monetária sinalize a necessidade de algum ajuste adicional dos juros antes de encerrar o ciclo de aperto monetário no bloco.

Outro destaque da semana é a 1ª leitura do PIB norte-americano do 2º trimestre, que será conhecido na quinta (27). O consenso de mercado espera um crescimento anualizado de 1,8% no trimestre (ou 0,45% na margem), praticamente mantendo o ritmo de expansão observado no 1T23 (+2,0% anualizado ou +0,5% na margem), sustentado pelo consumo das famílias, assim como no trimestre anterior. Desta forma, reforçam-se os sinais de resiliência da atividade nos EUA neste ano, cujas projeções de crescimento para 2023 subiram de cerca de 0,5% no início do ano para 1,5% atualmente. Neste sentido, na sexta (28) serão divulgados os dados de renda e gastos pessoais de junho, que devem seguir em alta (0,5% e 0,4%, respectivamente), beneficiados pelo mercado de trabalho aquecido.

Por fim, hoje cedo, foram divulgadas as prévias dos índices PMIs de julho da Zona do Euro, que reforçaram a tese de que a atividade está perdendo força no continente em meio ao ciclo de alta dos juros. Isso porque, o índice da manufatura aprofundou em território contracionista (42,7 pts ante 43,4 pts), enquanto a atividade dos serviços está arrefecendo (de 52,0 pts para 51,1 pts). Ainda hoje, serão conhecidos os dados dos EUA, cuja expectativa também é de alguma moderação na margem.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25/jul	IBGE: IPCA-15	Jul/23	-0,02% m/m 3,26% a/a	0,04% m/m 3,40% a/a
25-28/jul	FGV: Sondagens de Confiança	Jul/23	-	-
26/jul	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jun/23	US\$ 1,0 bi	US\$ 0,6 bi
27/jul	BCB: Nota de Operações de Crédito	Jun/23	0,6% m/m* 9,3% a/a*	0,3% m/m 10,4% a/a
27/jul	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Jun/23	R\$ -44,4 bi	R\$ -45,0 bi
27/jul	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jun/23	165,0 mil	155,3 mil
28/jul	PNAD Contínua: Taxa de Desemprego	Jun/23	8,1%	8,3%
28/jul	BCB: Estatísticas Fiscais	Jun/23	R\$ -46,4 bi	R\$ -50,2 bi
28/jul	FGV: IGP-M	Jul/23	-0,73% m/m -7,70% a/a	-1,93% m/m -6,86% a/a

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
24/jul	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jul/23 – prévia	43,5 pts / 51,6 pts	43,4 pts / 52,0 pts
24/jul	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jul/23 – prévia	46,2 pts / 54,0 pts	46,3 pts / 54,4 pts
25/jul	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Jul/23	112,0 pts	109,7 pts
26/jul	EUA	FED – Reunião de Política Monetária do Fomc	-	5,25% aa; 5,50% aa	5,0% aa; 5,25% aa
26/jul	EUA	Vendas de casas novas	Jun/23	-5,0% m/m	12,2% m/m
27/jul	Zona do Euro	BCE – Reunião de Política Monetária	-	3,75% aa; 4,25% aa 4,50% aa	3,50% aa; 4,00% aa 4,25% aa
27/jul	EUA	PIB	2º tri/23 – 1ª leitura	1,8% t/t (anualizado)	2,0% t/t (anualizado)
27/jul	EUA	Vendas de casas pendentes	Jun/23	-0,5% m/m	-2,7% m/m
28/jul	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jul/23 – final	-15,1 pts	-16,1 pts
28/jul	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jun/23	0,5% m/m 0,4% m/m	0,4% m/m 0,1% m/m
28/jul	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Jun/23	3,0% a/a	3,8% a/a
28/jul	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jul/23 – final	72,6 pts	64,4 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Proxies do PIB sinalizam arrefecimento da economia no 2º trimestre

As *proxies* mensais do PIB mostraram forte recuo em maio, indicando uma desaceleração da atividade no 2º tri, refletindo a elevada base de comparação do 1T23 (setor agro), além dos efeitos contracionistas da política monetária. Com isso, o PIB deve ficar estável ou registrar uma modesta alta no trimestre, mas não altera a expectativa de expansão próxima a 2% no ano.

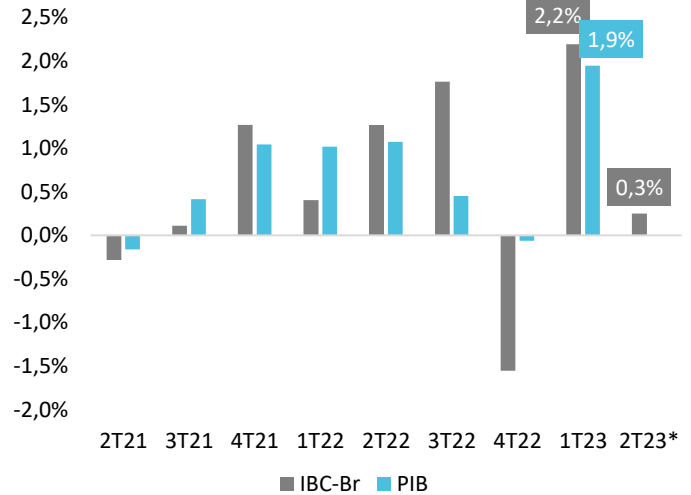
O índice de atividade econômica calculado pelo Banco Central, o IBC-Br, recuou 2,0% em maio, surpreendendo negativamente o mercado, que esperava uma queda bem mais modesta (-0,1%). Apesar do BCB não divulgar as aberturas do índice, o entendimento é de que a queda foi puxada pelos efeitos relacionados ao fim da colheita da safra agrícola de início de ano, já que os demais setores calculados pelo IBGE: indústria (+0,3%), comércio (-1,1%) e serviços (+0,9%), não apresentaram números ruins o suficiente para justificar tal queda.

A despeito da queda do mês, o resultado ainda deixou um carregamento estatístico positivo de 0,3% para o 2º trimestre, sinalizando que a economia pode apresentar algum crescimento no trimestre, embora baixo e em desaceleração ante o resultado do 1º trimestre, quando o índice avançou 2,2% (e o PIB subiu 1,9%).

O índice calculado pela FGV apresentou o mesmo quadro, reforçando a análise. O Monitor do PIB retraiu 3,0% em maio, com a Fundação mencionando que a queda foi majoritariamente explicada pela agropecuária, impactada especialmente pela redução da colheita de soja, que elevou a base de comparação nos primeiros meses do ano, enquanto a indústria e o setor de serviços recuaram de maneira contida (-0,1%).

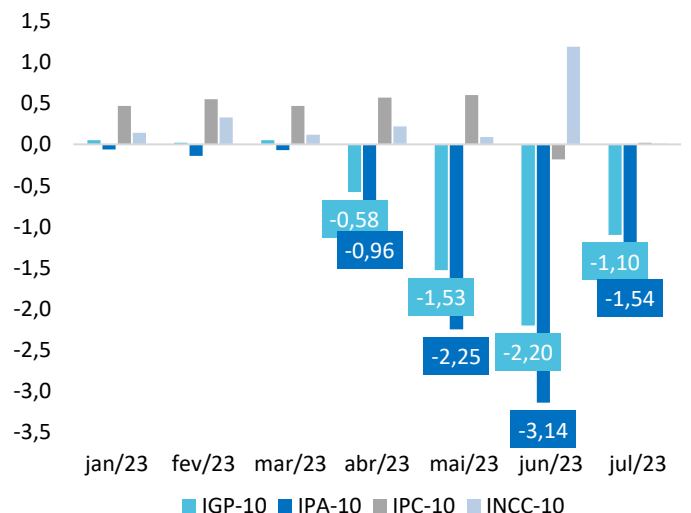
Já no cenário inflacionário, o IGP-10 seguiu apontando uma dinâmica benigna dos preços no atacado, que devem seguir contribuindo para o processo de desinflação. O índice recuou 1,10% em julho, uma queda menor do que a observada no mês anterior (-2,20%), mas acentuando o recuo do IGP-10 no acumulado em 12 meses, de -6,31% para -7,89%. Ainda que de maneira menos intensa, o recuo seguiu puxado pela deflação de importantes *commodities*, tanto agrícolas quanto da indústria, como grãos (milho, soja e café), leite *in natura* e gasolina automotiva. Tal quadro tem contribuído para a acomodação da inflação no varejo (consumidor), permitindo uma melhora nas expectativas inflacionárias.

Quadro 1: IBC-Br e PIB – Var. % trimestral (T/T-1)



Fonte: BCB e IBGE. *Carry over para o IBC-Br no 2T23

Quadro 2: IGP-10 e Aberturas – Var.% mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Balanços corporativos reduzem preocupações com atividade nos EUA

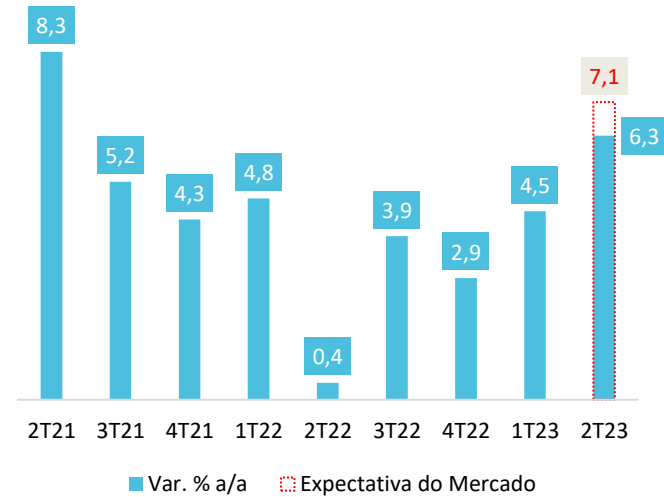
Os mercados internacionais voltaram a operar com certo otimismo ao longo da semana em meio às divulgações de balanços corporativos do 2º trimestre nos EUA, que, em geral, mostraram números melhores do que o esperado. Destaque para os maiores bancos do país ([pgs. 8 e 9](#)) e para companhias relevantes em setores “tradicionais”, como Johnson & Johnson e IBM, por exemplo. Por outro lado, houve alguma decepção com resultados (e/ou *guidances*) de empresas de tecnologia (Tesla, p. ex). Tais resultados ajudaram a compensar os números mais fracos de atividade da China, que indicam que o país pode ter alguma dificuldade em cumprir sua meta de crescimento de 5% no ano. Porém, o governo chinês segue divulgando novas medidas de estímulo para reverter tal quadro.

Quanto aos indicadores econômicos, a semana iniciou com a divulgação do PIB chinês do 2T23, que avançou 6,3% ante o 2T22, abaixo das expectativas (+7,1%). Além disso, o crescimento se deu sobre uma base fraca, quando o país ainda sofria com as rígidas restrições impostas pela política de “*COVID-zero*”. Assim, os efeitos da reabertura têm ficado aquém das expectativas, dado que o país também sofre com problemas estruturais em alguns segmentos, em especial, no setor imobiliário. Também foi divulgado o resultado do varejo de junho, que subiu 3,1% (ante jun/22), pouco abaixo das expectativas (+3,3%), enquanto a indústria surpreendeu, com alta de 4,4% (expec. +2,5%). Após a surpresa negativa com os números do PIB (e do varejo), o Comitê de desenvolvimento do país anunciou uma série de medidas para apoiar o consumo doméstico. Contudo, as principais taxas de juros (taxas *prime*) foram mantidas inalteradas.

Nos EUA, a atividade também deu sinais de arrefecimento em junho, com números abaixo das expectativas. A indústria caiu 0,5% no mês, ante expectativa de estabilidade, com queda disseminada nas aberturas, puxada por *utilities* (-2,6%) e mineração (-2,0%). Já as vendas no varejo subiram (+0,2%), mas também decepcionando os agentes (expect. +0,5%), com quedas no volume de vendas dos postos de gasolina e materiais de construção. No setor imobiliário os indicadores voltaram a cair em junho após certa recuperação em maio, se mantendo em níveis abaixo do patamar do início do ano.

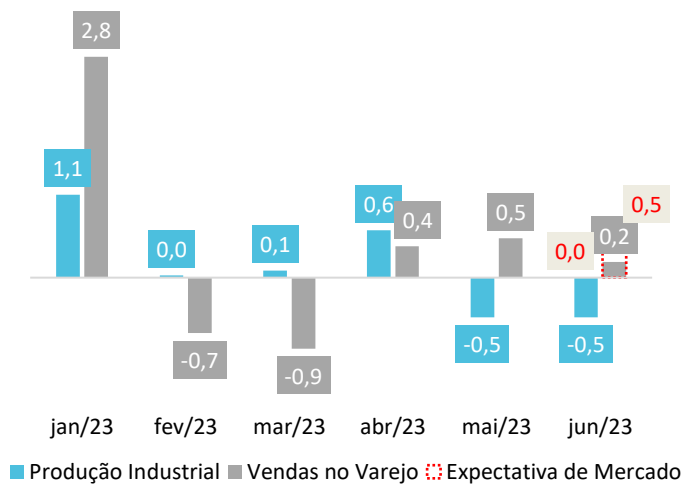
Por fim, na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) confirmou a prévia e desacelerou para uma alta de 5,5% (em 12 meses), ante 6,1% em maio. Contudo, a queda segue concentrada nos preços de energia (-5,6%), enquanto o núcleo do indicador subiu para 5,5% em junho (ante +5,3%), não trazendo sinais de moderação.

Quadro 3: China – PIB
Var. % ante o trimestre do ano anterior



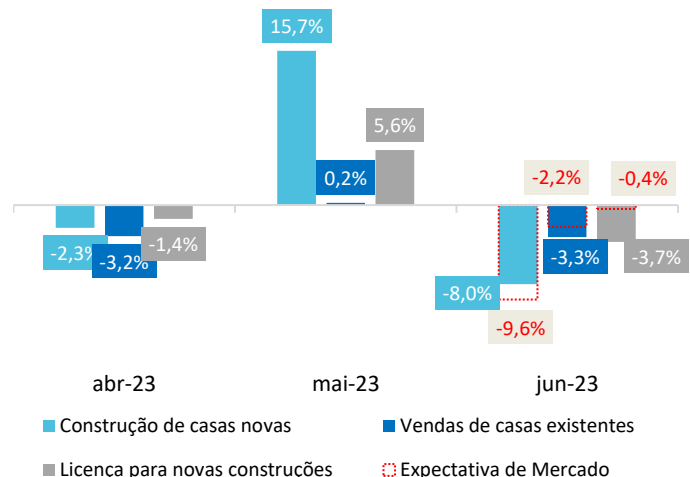
Fonte: Bloomberg.

Quadro 4: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: EUA – Dados do Setor Imobiliário
Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão anual do crédito deve cair para um dígito em junho

O saldo total de crédito deve crescer 0,6% em junho, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Apesar do novo crescimento no mês, o ritmo de expansão anual da carteira deve seguir acomodando, passando de 10,4% para 9,3%, voltando para a casa de um dígito após 35 meses (+9,7% em jun/20), em linha com a desaceleração econômica.

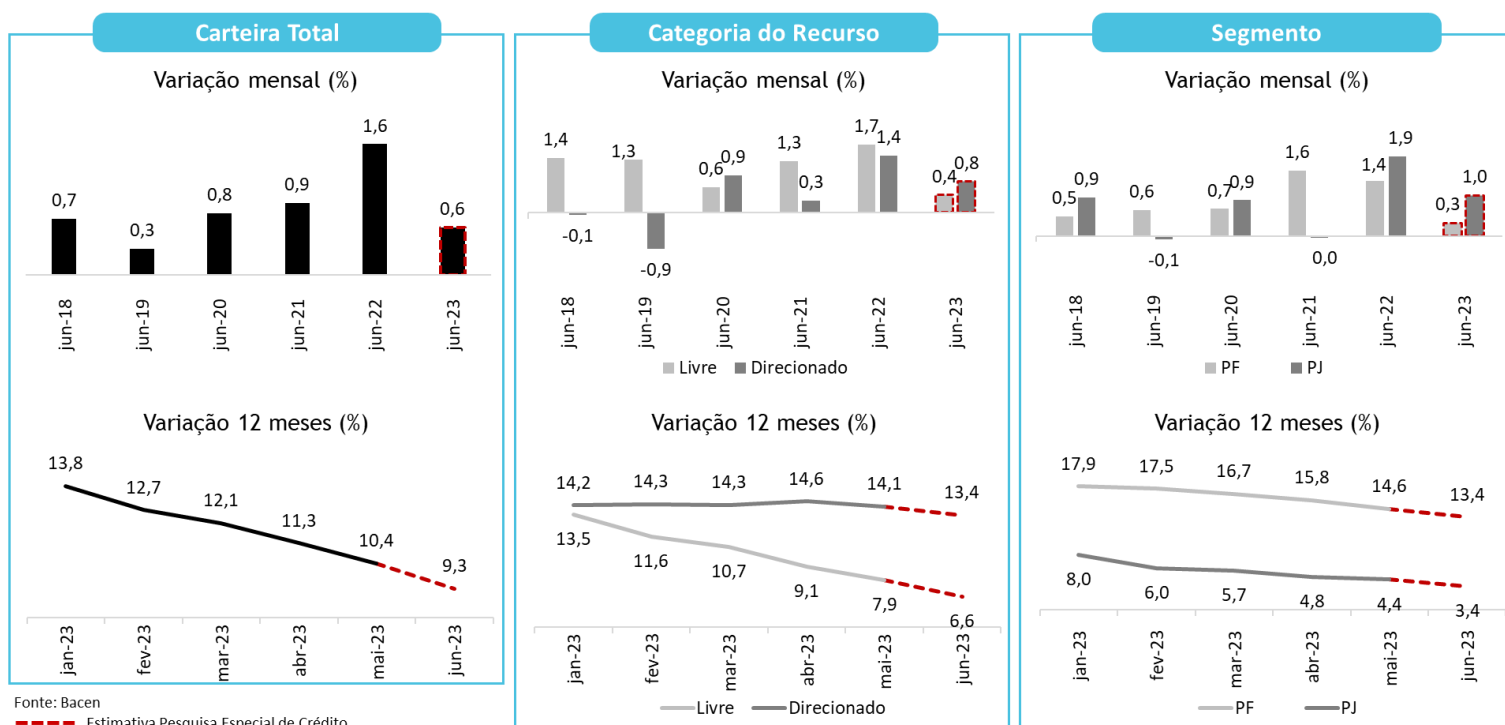
No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito às empresas (+1,0%), especialmente pela carteira com recursos livres (+1,2%), que deve mostrar alguma recuperação após recuar nos últimos dois meses. Além da sazonalidade positiva das linhas de fluxo de caixa (descontos de duplicatas e recebíveis e antecipação de faturas de cartão), típico no fim do trimestre, a leitura também deve mostrar sinais de normalização do segmento, bastante afetado pelos casos Americanas/Light no início do ano. Já a carteira PJ direcionada deve mostrar uma alta mais contida, de 0,5%, embora ainda beneficiada pelos programas públicos de crédito.

Ainda assim, o ritmo de expansão anual da carteira PJ deve seguir arrefecendo, saindo de 4,4% para 3,4%.

No caso do crédito às famílias, a carteira deve crescer 0,3% em junho, também acomodando na visão 12 meses (de 14,6% para 13,4%), embora neste caso, em ritmo ainda elevado. O melhor desempenho no mês deve vir da carteira direcionada, que deve avançar 0,9%, diante da resiliência apresentada pela crédito imobiliário. Já a carteira livre deve recuar 0,2%, refletindo o nível já elevado de endividamento e inadimplência das famílias, além de alguma acomodação do consumo.

No geral, assim como observado nos meses anteriores, a leitura de junho deve seguir capturando uma perda de tração no ritmo de expansão do crédito, especialmente na carteira com recursos livres, mais sensível à política monetária e que tem apresentado maior deterioração da inadimplência. De toda forma, a expectativa é de alguma suavização de tal movimento ao longo do 2º semestre, seja por conta de alguma normalização no segmento PJ, início do processo de queda dos juros e provável fim do ciclo de alta da inadimplência (em PF), levando a um crescimento da carteira próximo a 8% em 2023.

Quadro 6: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa apontou retração de 0,5% em junho. No entanto, quando ajustado pelo número de dias úteis, a estimativa é de expansão de 4,3%.

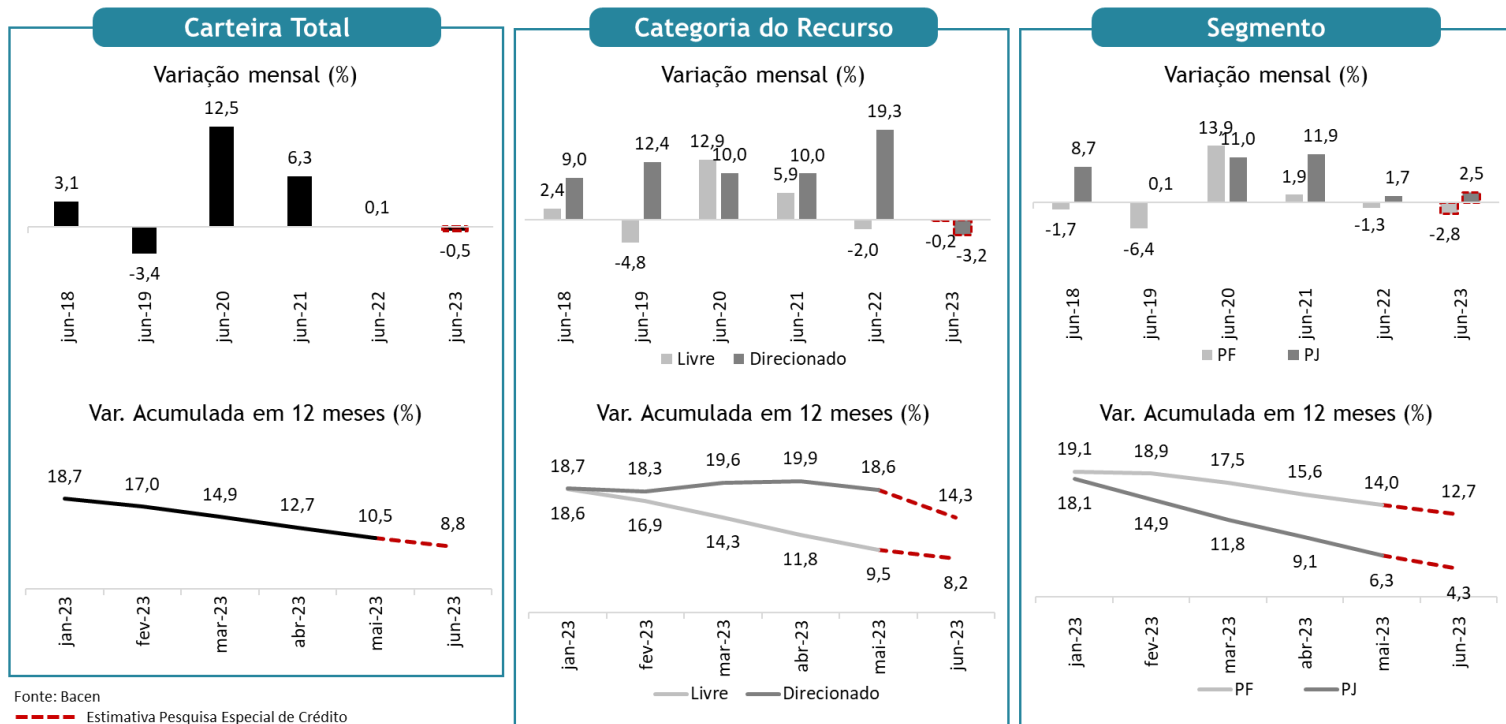
O maior volume de concessões no mês deve ser puxado pelas operações com as empresas (+7,4%, já com o ajuste por dias úteis), beneficiada pela sazonalidade positiva de fechamento de trimestre, além de algum impulso por parte dos programas públicos.

Para as famílias, o volume deve ser mais contido (+1,4%, também ajustado). Neste caso, além do esgotamento dos recursos do Plano Safra 2022/23, que deve voltar com força a partir de julho, pesam as maiores taxas de juros e o maior endividamento das famílias.

Na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve seguir desacelerando, de 10,5% para 8,8%. A acomodação deve ocorrer tanto nas operações com recursos livres (de 9,5% para 8,2%), refletindo a deterioração das condições econômicas, quanto nas operações com recursos direcionados (18,6% para 14,3%), embora aqui em nível ainda elevado.

A Nota de Política Monetária e Crédito será divulgada pelo Banco Central na quinta-feira, dia 27 de julho. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 7: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 2º tri/23

CRÉDITO / BANCOS

Na semana passada, os principais bancos norte-americanos finalizaram a divulgação dos resultados do 2º trimestre de 2023. No geral, os resultados vieram acima do esperado, com os bancos se beneficiando do ciclo de alta dos juros, que eleva as receitas com juros das IFs. Além disso, o estresse recente vivido pelo setor (falência dos bancos regionais) aparentemente foi benéfico para os maiores *players*, que conseguiram aumentar sua base de captação sem grandes pressões de custo. Já as operações no mercado de capitais melhoraram na margem, diante da expectativa de fim do processo de aperto monetário pelo Fed, embora em nível bem aquém do observado no período de baixas taxas de juros. Já os gastos com PDD subiram, mas não o suficiente para compensar a melhora nos itens citados acima. Por fim, a carteira de crédito mostra um crescimento bastante tímido, diante dos efeitos contracionistas da política monetária.

Quadro 8: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 2º tri/23

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo	Goldman Sachs
Lucro Líquido US\$ bi	14,5	2,9	7,4	4,9	1,2
Lucro por Ação (expectativa)	4,37 (4,00)	1,33 (1,30)	0,88 (0,84)	1,25 (1,16)	3,08 (3,18)
ROE anualizado (trimestre)	20,0%	5,6%	11,2%	11,4%	4,0%
Receita US\$ bi	42,4	19,4	25,2	20,5	10,9
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,9	1,8	1,1	1,7	0,6
Carteira de Crédito US\$ bi	1.300,1	660,6	1.051,2	945,9	178

JP MORGAN: O banco registrou um lucro líquido de US\$ 14,5 bi (ou US\$ 4,37 por ação) no 2T23, acima do esperado (US\$ 4,00), com fortes altas de 14,7% e 67,3% ante o 1T23 e 2T22, respectivamente. Com isso, a rentabilidade (ROE) da IF atingiu 20,0% (anualizado) no trimestre, melhor resultado desde o 1T21 (23,0%), com alta de 2,0 pp no trimestre e de 7,0 pp em um ano. O lucro foi impulsionado pelo forte crescimento das receitas (+34,1% ante o 2T22), que atingiu US\$ 42,4 bi no período. Tais números já consideram a aquisição do *First Republic*, adquirido pelo JP em maio após sua falência. Mesmo sem esse efeito, a alta anual do lucro teria sido de 40% e da receita de 21%. O bom resultado da IF foi puxado pelas receitas provenientes de juros (*interest income*) que subiram 123,3% no trimestre, em meio ao ambiente de altas taxas de juros nos EUA.

Os gastos com PDD, por sua vez, totalizaram US\$ 2,9 bi, subindo 163,3% ante o 2T22, número também impactado pela compra do *First Republic*. Sem tal efeito, a PDD teria atingido US\$ 1,7 bi, recuando 25,3% no trimestre, sinalizando uma interrupção da piora do indicador na instituição. De toda forma, o banco reforçou que segue acompanhando os riscos de desaceleração da atividade, fato que pode levar a uma nova rodada de piora da inadimplência. Ainda assim, o banco revisou para cima pela 3ª vez seu *guidance* para a receita líquida de juros (NII) em 2023 para US\$ 87 bi (ante US\$ 84 bi). Por fim, a carteira de crédito do JP atingiu US\$ 1.300,1 bi, alta de 17,7% em 12 meses. Porém, desconsiderando a carteira do *First Republic*, a alta teria sido de apenas 2,0%, reforçando os sinais de desaceleração do crédito no país após o estresse no setor e efeitos da política monetária.

CITI: a IF divulgou um lucro líquido de US\$ 2,9 bi (US\$ 1,33 por ação) no 2T23, que apesar de ter surpreendido o mercado (US\$ 1,30 por ação), registrou quedas de 36,7% no trimestre e de 25,9% ante o 2T22. A rentabilidade também caiu no trimestre (-3,9 pp) e em 12 meses (-4,1 pp), atingindo apenas 5,6% (anualizado). Parte da piora veio da queda das receitas (-1,0% ante 2T22) com os menores ganhos na área de banco de investimento, que puxou para baixo a receita do segmento de clientes institucionais (-8,6% no período). Além disso, os gastos com PDD também subiram (+43,2% em 12 meses), em função da elevação da inadimplência. Já a carteira de crédito do Citi ficou praticamente estável (+0,5%) em 12 meses, atingindo US\$ 660,6 bi.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/22

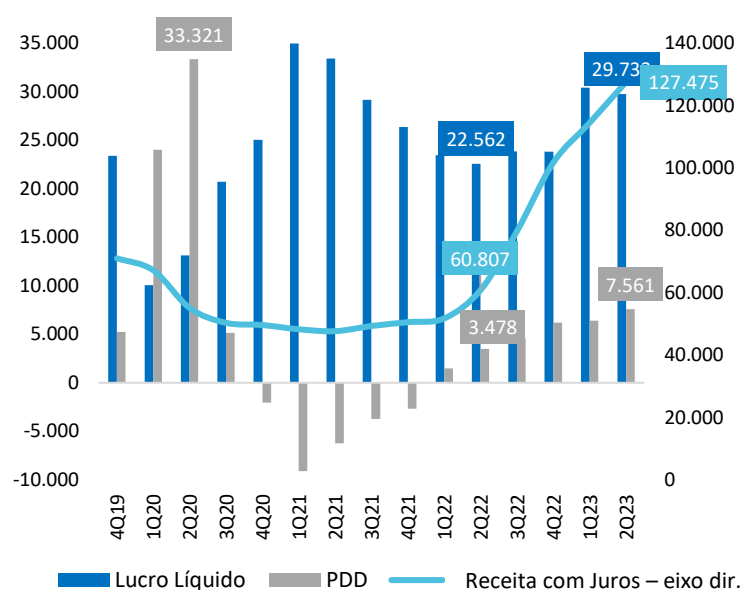
BofA: O Bank of America registrou um lucro líquido de US\$ 7,4 bi (US\$ 0,88 por ação) no 2º tri, ligeiramente acima do esperado (US\$ 0,84), com alta de 18,6% em 12 meses, mas queda de 9,2% ante o 1T23. O ROE anualizado ficou em 11,2%, subindo 1,3 pp ante o 2T22 e caindo 1,3 pp no trimestre. As receitas atingiram US\$ 25,2 bi, com alta de 11,1% em um ano, impulsionadas, assim como as demais IFs, pelas maiores taxas de juros, que fizeram os ganhos com juros subir 116,1% no mesmo período. Neste sentido, o destaque veio do segmento de varejo PF, o mais relevante da IF (42% das receitas), cujo resultado subiu 15,2% neste comparativo. Do lado das despesas, a PDD atingiu US\$ 1,1 bi, alta de 115,1% ante o 2T22, prejudicada no comparativo pelas liberações de reservas que ainda ocorriam no 2T22. De qualquer forma, houve alta de 20,8% no trimestre, o que sugere continuidade da piora da inadimplência no banco. Já a carteira de crédito ficou em US\$ 1.051,2 bi, subindo 2,0% em 12 meses.

WELLS FARGO: O banco apresentou um lucro líquido de US\$ 4,9 bi no 2º trimestre, com forte alta de 58,3% ante o 2T22, mas uma leve queda (-1,1%) na margem. O resultado equivale a um lucro de US\$ 1,25 por ação, acima do esperado (US\$ 1,16). Com isso, o ROE atingiu 11,4% em termos anualizados, subindo 4,3 pp em um ano e caindo 0,3 pp no trimestre. A melhora do resultado (ante o 2T22) decorreu do avanço da receita, que subiu 20,6% no período, em função dos ganhos provenientes com receitas de juros, que subiram 80,3%, assim como seus pares. Houve avanço no segmento comercial que atende empresas médias (+35,2%) e no varejo PF (+11,1%), principal segmento do banco (46% das receitas). Além disso, a área de *investment banking* (+29,6%) também registrou melhora. Tais resultados mais do que compensaram o avanço com as despesas de PDD (+195,3%), que atingiram US\$ 1,7 bi, cuja alta refletiu principalmente a perspectiva de piora da inadimplência na linha de crédito imobiliário empresarial. Por fim, a carteira de crédito permaneceu praticamente estável (+0,2%) em 12 meses, atingindo US\$ 945,9 bi.

GOLDMAN SACHS: registrou um lucro de US\$ 1,2 bi (US\$ 3,08 por ação) no trimestre, abaixo do esperado (US\$ 3,18) e com quedas de 62,4% e 58,5% ante o 1T23 e 2T22, nesta ordem. O resultado foi prejudicado por um ambiente ainda fraco para as operações no mercado de capitais (*investment banking*), principal atividade do banco, com queda de 8,2% nas receitas (ante o 2T22), que atingiram US\$ 10,9 bi. Além disso, pesaram as reduções no valor de imóveis comerciais e a queda no valor (*impairment*) da fintech de crédito GreenSky que o GS pretende vender. Diferente dos demais bancos, por ser menos focado no crédito/varejo, os ganhos com juros mais altos não impulsionaram o resultado do Goldman.

O Quadro 9 apresenta a evolução das receitas com juros, gastos com PDD e lucro líquido dos 4 maiores bancos de varejo (BofA, Citi, JP Morgan e Wells Fargo) dos EUA. As receitas com juros atingiram US\$ 127,5 bi no 2T23, mais do que o dobro (+109,6%) do reportado no 2T22 (US\$ 60,8 bi), em meio ao processo de aperto monetário promovido pelo Fed, que levou as *Fed Funds Rate* de 0,25% aa em mar/22 para o nível atual de 5,25% aa. Já as despesas com PDD voltaram a subir, atingindo US\$ 7,6 bi, em nível bem acima do 2T22 (US\$ 3,5 bi), mas ainda consideravelmente abaixo do auge da pandemia (US\$ 33,3 bi no 2T20). Com isso, o lucro líquido conjunto das 4 IFs ficou praticamente estável na margem (-2,1%) em US\$ 29,7 bi, mas em nível bem acima do reportado no 2T22 (+31,8%). A questão para o segundo semestre é o quão resiliente a atividade seguirá até lá, ou se haverá uma desaceleração mais intensa, pressionando os gastos com PDD das IFs.

Quadro 9: Lucro Líquido, Gastos com PDD e Receitas com Juros dos 4 maiores bancos de varejo dos EUA
Em US\$ mi



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.

The Banker Top 1.000 World Banks 2023

CRÉDITO / BANCOS

Nesta semana, serão exploradas as informações de Lucro Líquido e Rentabilidade dos maiores conglomerados financeiros do mundo referente ao ano de 2022, segundo a base de dados The Banker (Financial Times), conforme a publicação Top 1000 World Banks 2023.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que, para o cálculo da rentabilidade, a The Banker considera o lucro líquido da instituição em proporção ao Capital Nível 1 da IF, métrica conhecida como ROC (*return on capital*). Em geral, o mais comum é analisar a rentabilidade sob a ótica do ROE (retorno patrimonial ou *return on equity*), mas a revista adota o primeiro conceito. Uma hipótese por tal preferência é que o Capital Nível 1 (ao invés de todo o *equity*) seria mais comparável a nível internacional, dados os requisitos de Basileia. Além disso, foram feitos dois ajustes na base de dados: i) exclusão de bancos que não possuem a informação de lucro líquido; e ii) para as comparações anuais, considerou-se apenas os bancos que possuem informações em todos os períodos avaliados, removendo possíveis efeitos da entrada/saída dos bancos. Outro *disclaimer* importante a ser feito é que para uma comparação internacional mais justa, em nossa avaliação, seria necessário descontar o custo de capital médio da rentabilidade nominal (ROC), para identificar o excesso de retorno em cada país. Contudo, para simplificar a análise, apresentaremos apenas o ROC nominal (sem desconto do custo de capital).

O Quadro 10 apresenta os 10 bancos mais rentáveis (ROC) do ranking em 2022, além de todos os bancos brasileiros que estão na lista (e sua respectiva posição). Curiosamente, a lista geral é liderada por um banco estatal ucraniano (PrivatBank), que registrou um ROC de 53,5% no ano, beneficiado pelos ganhos com a forte elevação das taxas de juros no país (de 10% para 25% aa em 2022). Na sequência, temos um banco do Irã (Bank Pasargad; 44,2%) e da Geórgia (Bank of Georgia; 42,6%). Ainda, três bancos turcos estão no topo da lista, beneficiados pelos ganhos inflacionários. Contudo, no geral, os bancos mais rentáveis da lista são menores e não ocupam as 100 primeiras posições do ranking. A exceção é o banco American Express Company, o 10º colocado em rentabilidade (34,2%), que ocupa a 96ª posição do ranking em termos de volume de Capital Nível 1.

Quadro 10: Ranking por Rentabilidade (ROC)

Ranking ROC 2022	Banco	País	ROC	Lucro Líquido (US\$ mi)	Capital Nível 1 (US\$ mi)	Capital Nível 1 Ranking
1	PrivatBank	Ukraine	53,5%	827,3	1.546,2	638
2	Bank Pasargad	Iran	44,2%	3.516,2	7.951,5	205
3	Bank of Georgia	Georgia	42,6%	534,8	1.254,8	721
4	Akbank	Turkey	40,1%	3.206,5	7.988,6	204
5	Yapi Kredi Bankasi	Turkey	40,0%	2.817,6	7.037,8	224
6	Banco de Reservas de la Rep. Dominicana	Dominican Rep.	35,5%	391,2	1.101,2	770
7	Turkiye Is Bankasi	Turkey	34,8%	3.689,0	10.606,4	167
8	Banco de Fomento Angola (BFA)	Angola	34,7%	278,9	803,7	875
9	Beal Bank	US	34,5%	1.453,2	4.211,4	336
10	American Express Company	US	34,2%	7.397,0	21.626,0	96
-	-	-	-	-	-	-
32	Banco BTG Pactual	Brazil	26,2%	1.973,1	7.538,3	209
34	Banco da Amazonia	Brazil	26,1%	229,5	878,3	845
61	Banco do Nordeste do Brasil	Brazil	22,6%	409,4	1.807,9	581
106	Banco do Brasil	Brazil	18,9%	5.718,3	30.297,5	69
115	Itaú Unibanco Holding	Brazil	18,4%	5.888,3	31.967,1	66
130	Banco Bradesco	Brazil	17,6%	4.064,6	23.108,1	86
192	Banco Daycoval	Brazil	15,6%	202,2	1.293,6	711
331	Banco Cooperativo do Brasil	Brazil	12,8%	77,2	604,7	974
393	Banco Safra	Brazil	11,9%	422,2	3.559,5	376
436	Caixa Economica Federal	Brazil	11,2%	2.306,9	20.623,2	100
465	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	10,8%	161,4	1.495,6	653
800	Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	5,4%	39,2	725,0	909
979	Banco Inter	Brazil	0,6%	7,2	1.132,8	764
998	Nubank	Brazil	-39,4%	-360,8	916,3	831

Fonte: The Banker

Dentre os bancos brasileiros, nenhum deles figura nas primeiras colocações dentre os mais rentáveis do mundo, mesmo avaliando a rentabilidade nominal, que não desconta o custo de capital. O Banco BTG Pactual ocupa a melhor posição, ficando em 32º lugar no geral, com um ROC de 26,2% em 2022. Na sequência, aparece o Banco da Amazônia (34º) com 26,1% e o Banco do Nordeste (61º) com 22,6%. Dentre os maiores bancos de capital aberto, destaque para o Banco do Brasil que ficou na 106ª posição no ranking geral com um ROC de 18,9% e o Itaú Unibanco (115º; 18,4%).

O Quadro 11, por sua vez, apresenta os resultados consolidados dos bancos por região e países selecionados. Após a recuperação do lucro e da rentabilidade em 2021 (após efeitos da pandemia), o setor voltou a apresentar queda do lucro líquido (-6,1% em US\$) e da rentabilidade (-0,5 pp) em 2022, com o ROC agregado caindo de 11,1% para 10,6%. Parte importante dessa piora é resultado da elevada base de comparação e aumento dos gastos com PDD (Quadro 12). Ainda, dentre as regiões e países, é importante notar que nem todos que viram seu lucro cair (ou subir), também tiveram queda (alta) da rentabilidade. Isso acontece por causa do efeito cambial, que por outro lado, não distorce a métrica do ROC (dado que tanto o lucro como o capital são corrigidos pela variação do dólar).

Neste sentido, dentre as principais regiões, a Ásia e Pacífico e a Europa apresentaram alta na rentabilidade em 2022, de 0,2 pp (para 9,7%) e 0,7 pp (para 9,3%), nesta ordem, impulsionados por Índia (+2,4 pp) e Reino Unido (+1,4 pp), respectivamente, embora tais regiões ainda registrem um ROC abaixo da média global (10,6%). Já os bancos da América do Norte viram o lucro encolher 17,3% e a rentabilidade cair 3,4 pp (para 13,5%), em função da piora dos resultados dos EUA. No caso, o país registrou queda de 21,2% do lucro líquido e de 4,0 pp da rentabilidade média (para 12,9%). A piora do resultado decorre da forte base de comparação, dado que em 2021 os bancos do país se beneficiaram de expressivas reversões dos gastos de PDD realizadas em 2020 em função da pandemia, enquanto em 2022 os bancos voltaram a reconstruir suas provisões, em função do aumento da inadimplência. Tal fato é ilustrado no Quadro 12, onde houve um aumento de 0,8 pp da razão gastos PDD/Cartão Crédito em 2022 (ante 2021).

Quadro 11: Lucro Líquido e rentabilidade (ROC) por Região e País

Região/País	Nº de bancos	Lucro Líquido (US\$ bi)	Var. % (22/21)	ROC	Var. pp (22/21)
Ásia e Pacífico	363	483,1	-0,8%	9,7%	0,2
China	138	328,4	-2,5%	9,9%	-0,1
Japão	76	29,6	-9,0%	5,3%	0,1
Índia	25	29,2	29,1%	13,8%	2,4
Coreia do Sul	11	12,3	-38,0%	5,9%	-3,3
Europa	207	202,1	1,1%	9,3%	0,7
França	6	34,0	-16,7%	7,7%	-1,0
Reino Unido	24	44,2	-0,5%	11,4%	1,4
Suíça	32	7,8	-43,3%	3,5%	-2,6
Espanha	14	25,2	-9,6%	11,6%	-0,4
América do Norte	185	265,6	-17,3%	13,5%	-3,4
EUA	171	213,8	-21,2%	12,9%	-4,0
Canadá	12	51,3	3,5%	17,1%	-0,1
Oriente Médio	62	54,2	24,2%	13,4%	1,8
América do Sul	34	32,1	19,4%	17,7%	1,0
Brasil	11	21,4	12,1%	17,3%	-0,5
Chile	7	4,0	61,0%	21,5%	6,2
Europa Leste e Central	19	-1,5	-105,3%	-1,0%	-19,6
Rússia	4	-7,0	-129,6%	-6,2%	-27,6
África	31	14,5	5,2%	17,3%	1,3
África do Sul	7	7,7	13,1%	18,8%	2,8
América Central	16	6,4	41,1%	19,6%	4,7
México	6	4,1	38,7%	20,6%	4,4
Ásia Central	4	1,8	25,5%	26,1%	2,3
Caribe	7	1,6	28,4%	23,0%	2,6
Total	928	1.059,7	-6,1%	10,6%	-0,5

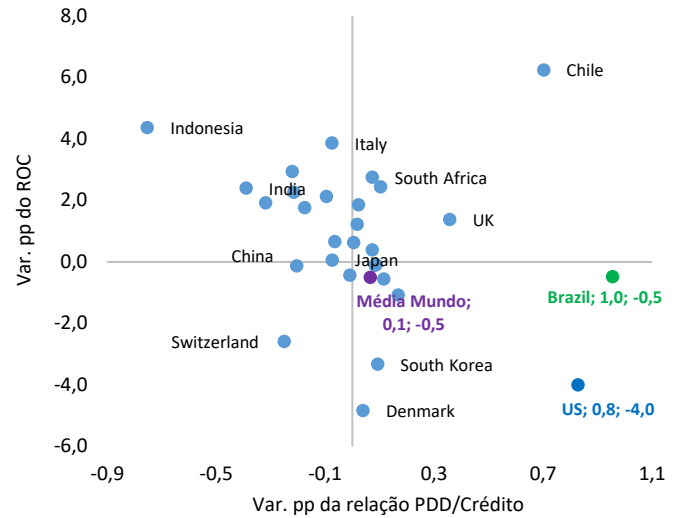
Outro destaque negativo foi a Rússia, cujos bancos foram fortemente penalizados pelas sanções impostas pelos países ocidentais em função da Guerra com a Ucrânia. O país registrou um prejuízo consolidado de US\$ 7,0 bi (ante lucro de US\$ 23,6 bi em 2021), levando a um ROC negativo de 6,2%.

Já os bancos do Brasil registraram alta de 12,1% do lucro líquido em 2022, em função da valorização do real frente ao dólar. Por outro lado, a rentabilidade (ROC) média caiu 0,5 pp, em linha com a média mundial, atingindo 17,3%, ficando abaixo de outros países emergentes comparáveis, como Chile (21,5%), México (20,6%) e África do Sul (18,8%). A queda da rentabilidade no país também foi puxada pelo aumento dos gastos com PDD, diante da piora da inadimplência, cf. Quadro 12. No caso, a piora da métrica PDD/Crédito foi até mais intensa (alta de 1,0 pp; de 1,4% para 2,4%) do que nos EUA, embora o recuo da rentabilidade tenha sido menor.

Contudo, observa-se algumas exceções quanto à relação queda (aumento) da rentabilidade decorrente do aumento (queda) dos gastos com PDD. Por um lado, se destaca o Chile, que mesmo com aumento dos gastos com PDD, seus bancos ainda tiveram aumento da rentabilidade. De outro, aparece a Suíça, que mesmo com a queda dos gastos com PDD, também houve piora da rentabilidade de seus bancos, neste caso, em função de um caso específico (Credit Suisse), instituição que enfrentava problemas financeiros e de imagem/reputação e que foi adquirido pelo seu principal concorrente (UBS) neste ano.

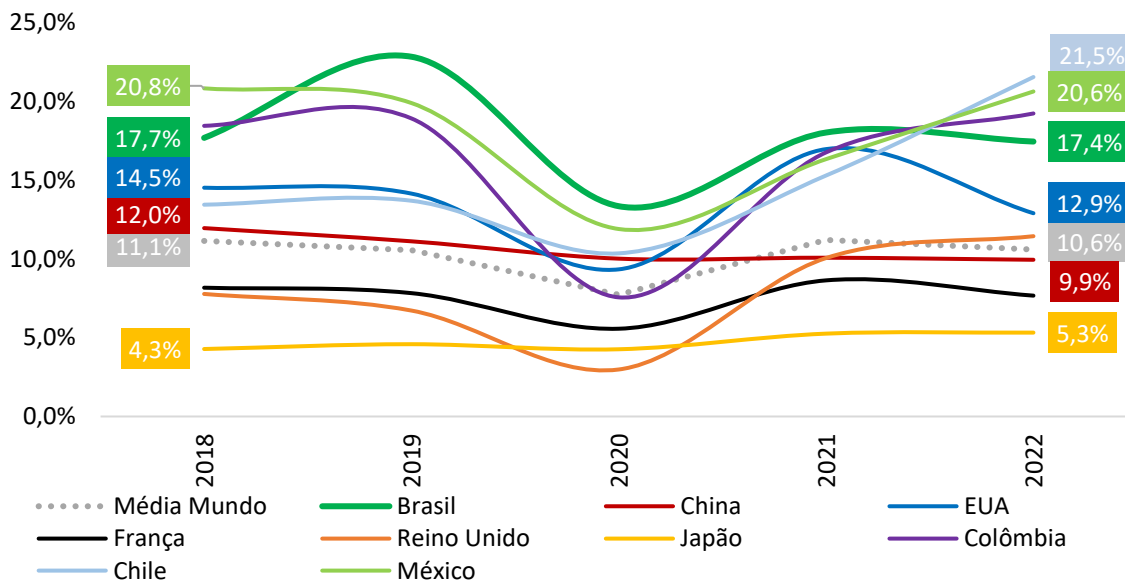
Por fim, o Quadro 13 traz a evolução do ROC por país, considerando apenas os bancos que figuram em todos os anos avaliados (2018 a 2022), visando eliminar o efeito de entrada/saída das IFs*, para uma amostra de países selecionados. É possível observar que, enquanto o ROC médio dos bancos do Brasil segue abaixo do período pré-pandemia (22,8% em 2019), países como Chile (21,5%), México (20,6%) e Colômbia (19,2%) já superaram o patamar de 2019, além terem ultrapassado a rentabilidade dos bancos brasileiros. Dentre os maiores países, novamente destaque para a queda da rentabilidade dos EUA em 2022, que voltou a ficar abaixo do nível pré-pandemia (12,9% ante 14,1%) e da China (9,9%), que ficou praticamente estável no ano, seguindo abaixo da média mundial (10,6%).

Quadro 12: Var. pp do ROC e da relação PDD/Crédito em 2022 ante 2021



Fonte: The Banker.

Quadro 13: Evolução do ROC – Em %



Fonte: The Banker. * Representam 95% do volume de capital Nível 1 do setor bancário global no período



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	21/07/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,78	-0,13%	-0,06%	-9,43%	-13,02%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	174,94	-1,12%	-0,99%	-31,14%	-40,89%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,40	-0,96%	-1,85%	-1,87%	-0,22%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,42	-1,86%	-2,02%	-14,84%	-19,06%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,54	-0,12%	1,37%	-16,50%	-21,57%
Índice Ibovespa (em pontos)	120.216,77	2,13%	1,80%	9,55%	21,39%
IFNC (setor financeiro)	12.550,66	3,52%	2,68%	22,40%	31,46%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	0,00%	0,00%	16,67%	200,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,84	1,50%	-1,19%	9,30%	56,80%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,83	0,07%	-0,05%	-1,03%	33,40%
Dollar Index	101,07	1,16%	-1,79%	-2,37%	-5,46%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.536,34	0,69%	1,93%	18,15%	13,44%
Índice de ações de bancos – EUA	97,30	7,32%	12,26%	-14,72%	-14,27%
Índice Euro Stoxx 50	4.391,41	-0,20%	-0,17%	15,76%	22,10%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	111,79	2,23%	4,14%	16,62%	43,38%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	81,07	1,50%	8,24%	-5,63%	-21,94%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira